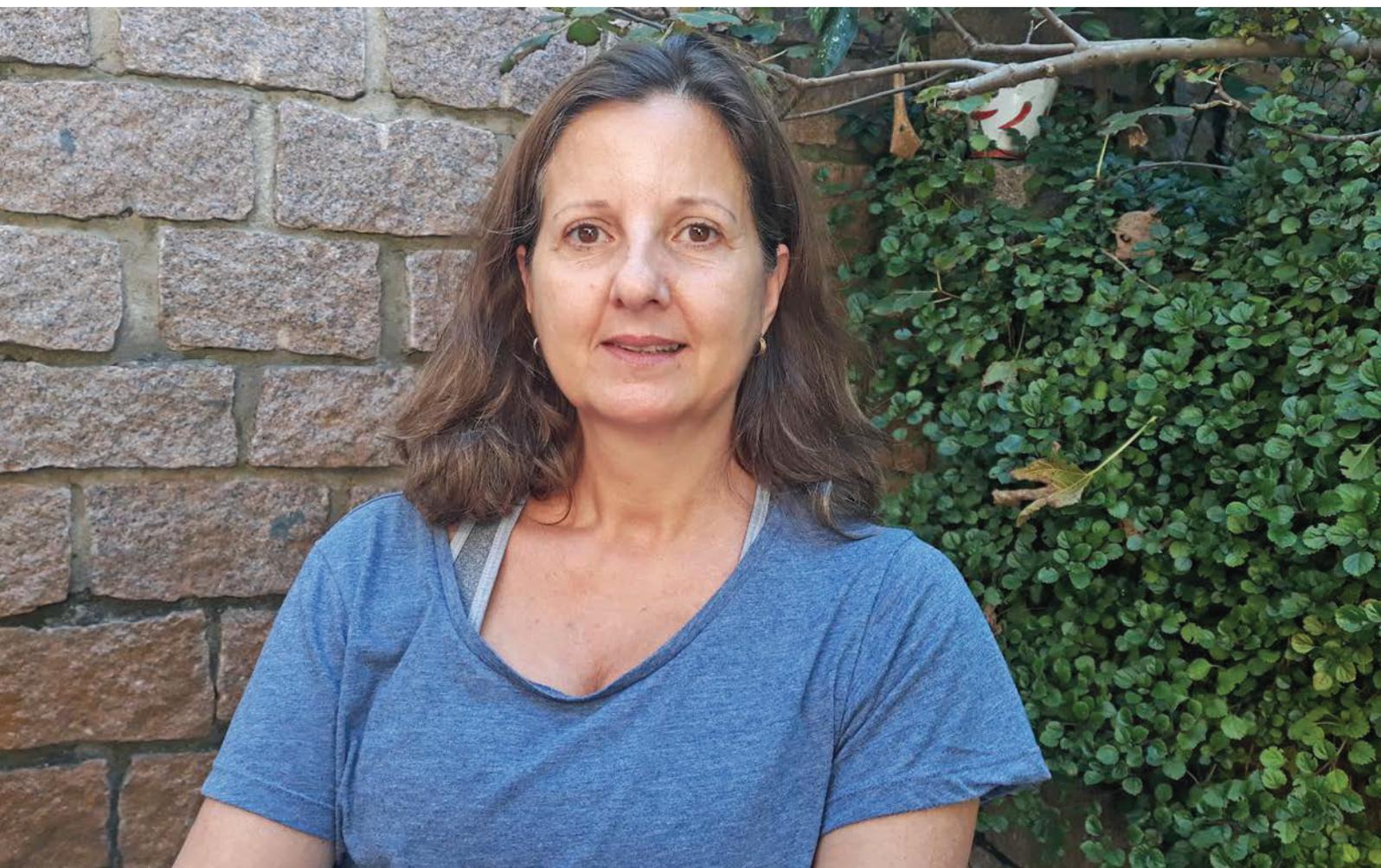


As crianças estão voltando para as ruas

A psicóloga e professora Silvia Helena Koller fez da infância sua trincheira: fundadora do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua (CEP-Rua) da UFRGS, em 1994, desde então formou várias gerações de profissionais engajados na luta pela erradicação da violência contra crianças e adolescentes – especialmente de cunho sexual. Nesta entrevista, a pesquisadora fala também sobre a abordagem ecológica do desenvolvimento humano (AEDH), sobre Psicologia Positiva e sobre a atual situação de vulnerabilidade da pesquisa científica em todo país.



Como está a situação atual das crianças de rua?

Desde que iniciamos nosso trabalho, em 1994, começamos a notar uma melhora no enfrentamento desse problema – seja por intervenção da sociedade civil, seja em função de políticas públicas. Felizmente, na prática começou a escassear o número de crianças nas ruas. E a partir de 2003, o Bolsa Família foi mais uma garantia para que fossem para a escola e não ficassem à mercê das ruas.

Então, acho que houve um momento, em 2014 e 2015, em que foi bem difícil encontrar crianças em situação de rua em Porto Alegre.

Infelizmente, com a situação atual do país, as pessoas estão perdendo um pouco a noção que tinham de que é preciso continuar denunciando a exploração infantil. No dia em que voltei a Porto Alegre, fiz três denúncias ao Conselho Tutelar. E quem me atendeu até ficou surpreso: mas a senhora de novo?

Já há estatísticas que mostram esse retrocesso?

Sinceramente não sei. Mas é só andar na rua em Porto Alegre para observar. A maioria das pessoas que pedem dinheiro ou que moram nas esquinas da cidade ainda é de adultos, mas há também um número significativo de jovens, de adolescentes, pessoas que claramente não têm 18 anos e que não deviam estar ali. Aliás, ninguém devia estar ali.

Qual efeito da condição de vulnerabilidade na formação desse futuro adulto?

Se a gente compreender que lugar de criança é na escola, que a criança devia estar brincando e aprendendo, que tem uma quantidade de direitos como ter uma família, receber cuidado, escola, saúde, já se pode dizer, por isso, que estamos formando uma pessoa incompleta. Socialmente, já há uma perda. Mas essas crianças também estão sendo vítimas de violência na rua, vítimas de abuso, seja sexual, seja comercial, estão perdendo oportunidades de aprender e de ter uma formação educacional e cultural. O prejuízo é enorme.

Há relação direta entre criança em situação de rua e adulto violento?

Essa relação não é direta. Nunca. Até porque vemos muitos filhos de caras bacanas por aí envolvidos com tráfico e com crime. Mas é claro que essas crianças [em situação de rua] são mais vulneráveis, claro que experimentam coisas que nossos filhos não experimentam. Isso provoca cicatrizes bastante profundas no desenvolvimento delas. Mas não é possível traçar uma linha reta entre vulnerabilidade e violência, até porque muitas dessas crianças são

extremamente fortes, resilientes, são pessoas que aprendem coisas que nós, por exemplo, nunca vamos aprender. Imagine um de nós dois ter de passar uma noite inteira na rua, mesmo com todas as nossas competências. Essas crianças não passam uma nem duas, essas crianças vivem nas ruas. E sobrevivem. Mas é claro que isso acarreta uma porção de problemas no futuro, a questão da confiança, da autoestima.

Pode falar um pouco mais do conceito de resiliência?

É um conceito que virou moda, as pessoas adoram, principalmente no mundo corporativo onde tem sido usado de uma forma bastante questionável. Trata-se, na verdade, de uma capacidade que não é estável. É uma condição bastante dinâmica até, desenvolvida diante de eventos estressores, que está muito ligada às características individuais, à coesão ecológica do indivíduo e, também, relacionada à rede de apoio social e emocional de cada um. Somos resilientes

diante de uma situação de risco e imediatamente após já não somos mais, diante de outra; às vezes se é resiliente do ponto de vista profissional ou acadêmico e não se é do ponto de vista emocional, ou vice-versa. Ou seja, é uma condição muito variável. É claro que o alto estresse de crianças que vivem em situação de rua fará aparecer essa condição, pois estão expostas a estresse pós-traumático e a abusos. Como é que cada uma delas lida com isso? É bastante variável.

É a ecologia do desenvolvimento humano?

Precisamente. O conceito foi desenvolvido por Urie Bronfenbrenner, que foi meu mentor direto até sua morte, em 2005. Ele criou esse conceito justamente para romper com a visão da Psicologia que, historicamente até 1979, era mais voltada para as questões individuais e fazia basicamente pesquisas de laboratório. Ele propôs o que até hoje chamamos de observação naturalística, em que os profissionais saem de seus gabinetes, dos seus laboratórios, para trabalhar com as pessoas nos seus lugares, nos seus ambientes. Ecologia, então, nessa perspectiva: tomar para além das questões individuais também as questões relacionadas com os contextos nos quais

as pessoas se desenvolvem. Aí voltamos um pouco à questão individual: temos crianças nascidas na mesma família, gêmeos, por exemplo, onde um vai bem e outro vai mal. Um é resiliente, outro é vulnerável. Bronfenbrenner chamou a atenção sobre outra coisa importante: precisamos olhar não só para o que aconteceu de ruim com o Joãozinho, que podemos chamar de vulnerável, mas também entender o que aconteceu com o Zezinho, que vai bem. Ou seja, o que podemos usar da situação do Zezinho para compreender a situação do Joãozinho. A Psicologia tinha um olhar voltado para a psicopatologia do que para os outros processos de formação do indivíduo.



É como o jornalismo preferir noticiar só as coisas ruins.

É, tem a ver com isso sim. E aí acho que já entramos em outra questão que é a Psicologia Positiva. Bronfenbrenner nunca chamou a sua psicologia de positiva, mas já trazia algumas ideias nessa direção em 1942, quando defendeu a tese de doutorado, que era olhar para o bem-estar das pessoas, olhar suas qualidades, como se sentem bem nos seus contextos, e como elas dão certo. Esse nome, Psicologia Positiva, só surge nos anos 2000, como parte de um movimento internacional.

O que a Psicologia Positiva pode ensinar para a sociedade?

Isso é bastante amplo. No momento em que a Psicologia passou a tirar o foco da patologia e começou a olhar também para a felicidade, para a esperança, para o otimismo, começou a ter uma outra perspectiva do ser humano. Olhar o ser humano não só como alguém que adoce, mas como uma pessoa que está em busca de saúde, de bem-estar – que é, aliás, a definição de saúde recomendada pela OMS.

Como lidar com as situações de abuso sexual envolvendo crianças?

É um fenômeno do ser humano. E na nossa cultura ocidental, é muito comum. Desafortunadamente, os maiores abusadores são aqueles que deviam cuidar das crianças abusadas: pais, irmãos mais velhos, padrastos, avós. Isso acontece principalmente dentro dos ambientes domésticos, ou pelo menos em locais conhecidos das crianças. É uma tragédia.

Por que isso acontece?

A gente quer tanto saber isso! É muito difícil ter uma resposta geral. O que se sabe é que a pessoa que deveria cuidar passa do seu limite de proteção e usa seu poder sobre a criança para ter prazer pessoal. O abusador faz a criança sair da sua fantasia, do seu prazer, já que toda criança tem prazer, para uma realidade dolorosa que é passar do limite da fantasia para uma ação que não faz parte do desenvolvimento esperado, normal, desses jovens. Eles não precisam, e nem devem, passar por esse tipo de experiência. Muito menos sendo coagidos por um adulto que está fazendo isso para seu próprio prazer. É um problema de saúde pública, que precisa ter um olhar muito aguçado principalmente no cuidado a essas crianças, meninas e meninos. Porque não é um privilégio, entre aspas, de meninas, não é uma questão de gênero.

Um problema mais de saúde pública do que de Polícia?

As duas coisas estão relacionadas, ou seja, todo mundo tem que estar consciente da gravidade do problema. Nós fizemos no CEP-Rua um trabalho muito forte, com formação, com programas de intervenção, envolvendo desde médicos até assistentes sociais e outros profissionais envolvidos com a rede de proteção. Médicos com 20 anos de carreira nunca haviam se deparado com um caso de abuso sexual no consultório, mas bastou uma semana de trabalho conosco para que um deles voltasse desesperado com dois casos identificados em poucos dias. Então, na verdade esse profissional não sabia era identificar o abuso. Temos de entender, portanto, que abuso sexual não é só manter relações sexuais com as crianças e adolescentes. Às vezes é uma palavra que foge ao repertório daquele momento, um toque erotizado, a contação de piadas de adultos, é a exposição de crianças a figuras pornográficas. Isso também é abuso sexual.

O CEP-Rua não existe mais, pelo menos fisicamente, por falta de dinheiro. Como anda a situação da pesquisa no Brasil?

Não há dinheiro para mais nada. Nós gerimos milhões de dólares no CEP-Rua, durante muito tempo. Tínhamos financiamento internacional por sermos referência em pesquisa no Brasil, especialmente nesses temas. O CEP-Rua ainda existe como concepção de abordagem, como método, e está presente no trabalho de inúmeros pesquisadores e de várias instituições, pelo mundo afora. Mas fisicamente não tem mais nada, desde que o teto de nossa sala desabou e nunca foi consertado. Há muita pesquisa sendo feita com recursos dos próprios professores, ainda temos bolsas de iniciação científica, muitos alunos voluntários também. Mas certamente, se a política atual não mudar, haverá um grande hiato no conhecimento científico como um todo no país. Infelizmente, não dá para continuar dessa forma.

DESAFORTUNADAMENTE, OS MAIORES ABUSADORES SÃO AQUELES QUE DEVIAM CUIDAR DAS CRIANÇAS ABUSADAS: PAIS, IRMÃOS MAIS VELHOS, PADRASTOS, AVÓS.

Assista aos vídeos com o depoimento da psicóloga Sílvia Helena Koller em youtube.com/crprs